OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte), m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem).......	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

30.º Anno — XXX Volume — N.º 1:012

10 DE FEVEREIRO DE 1907

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Typ. do Annuario Commercial—Calçada da Gloria, 5

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.—Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA
AUTOR DO DRAMA «AFFONSO DE ALBUQUERQUE»
(Cliché Bobone)

Chronica Occidental

O inverno lembra — peço perdão da comparação — Lucrecia Borgia ou Cleopatra e outras mulheres assassinas de que a historia nos conta a grande belleza. Nada mais lindo do que o céo que nos está illuminando; mas é elle muito mais amigo dos microbios que da raça humana. Agora até foi descoberto o microbio das verrugas! Não sabemos se o frio o ajuda a viver; mas o da grippe, esse sabemol-o nós todos, infelizmente, está nas suas sete quintas e com muito boas tenções de fazer patuscada no entrudo, ao som dos guizos a baterem á sahida dos bailes de mascaras.

Olhe o leitor para a data d'este jornal, 10 de fevereiro de 1907, domingo gordo. Tinem os guizos dos cavallos, puxando carruagens pela Avenida, chéchés dizem graças porcas, mulheres decotadas atiram papelinhos, as serpentinas vôam de todos os andares, musicas desafinam, gente a tiritar de frio pretende animar-se para aquecer, e ninguem quererá ver uma mascarada de fantasmas macabros que ri na rua, que dança nos bailes e toma apontamentos.

A mortalidade foi grande nas ultimas semanas. Em alguns bairros de Lisboa triplicou, se a compararmos a egual periodo do anno passado. E o frio não cessa e a chuva não quer cahir!

Entre os mortos de ha dias, alguns contamos muito conhecidos em Lisboa. A Viscondessa de Barcellinhos, senhora da grande nobreza e das mais distinctas da alta sociedade por seu espirito e caracter; o Dr. Clemente Pinto, reitor do Lyceu do Carmo e que tamanha saudade deve deixar a quantos se interessam pelos progressos da instrucção; Vasconcellos de Abreu, lente que foi do curso superior de lettras, espirito illustradissimo, e cujas excellentes qualidades tanta vez nos foi dado admirar, enchendo-nos por elle da maior sympathia. Mas todos haviam cumprido na terra a sua missão. Bem hajam por isso, e póde a lembrança do bem que fizeram ser consolação para saudades. Essa não a terá Antonio Martins, o tão sympathico professor de esgrima, que todos conhecemos, que, ha pouco viu fallecer um filho de vinte annos, sua esperança e seu orgulho. A esse só lhe poderá minorar a dôr o saber que quantos conheceram a boa alma do filho, choram uma lagrima sobre a saudade do pae.

Que lindo e horrivel tempo é este que vai correndo! Já não são apenas os lavradores que olham anciosos para o céo e todas as manhãs consultam o barometro. A hygiene das cidades está, tanto como os campos em que ainda as fontes não rebentaram, precisada d'uma chuva torrencial que lave os canos e levante a temperatura.

Ao menos o bom tempo fará algum bem ao commercio de Lisboa durante estes dias de carnaval, em que as idéas sombrias teem a esmo por onde afogar-se. Annunciam-se muitas festas, outras já se realisaram com feliz exito.

A' tout seigneur toute honneur, começaremos por nos referir á festa de caridade promovida por uma commissão de senhoras da alta sociedade, e que se realisou no Salão do Conservatorio na noite de sexta e sabbado gordo perante a mais distincta assistencia. Os quadros vivos dispostos ou compostos pelos nossos artistas Villaça e Salgado, e a que deram grande brilho algumas das mais cotadas formosuras de Lisboa, foram com toda a justiça enthusiasticamente applaudidos. Completaram o programma uma comedia finamente desempenhada, e trechos de musica em que devemos citar o nome de Antonio Lamas, um amador que é um artista, não sómente pelos solos executados na viola de amor, mas tambem do côro executado durante o quadro vivo *Santa Isabel*.

De todos os theatros foi S. Carlos, d'esta vez, o que teve melhores direitos a chamar as attenções pela representação da opera *Luiza*, obra prima de Charpentier da escola franceza, e que, pela primeira vez agora, foi cantada em Lisboa. O libretto é do mesmo auctor, e alguns extranhariam em S. Carlos achal-o tão fóra do ramerrão; mas tudo é bello n'aquella obra, e, segundo as criticas que lêmos, o desempenho honrou o grande talento do compositor.

N'estes tres dias de entrudo não haverá grande novidade, por certo, em coisas de arte, que não é costume encontral-a entre charivaris ensurdecedores; mas em tanta festa que por ahi vae haver, em tanto baile e theatros particulares é natural que muitos corações falem e talvez alguma meia duzia de versos desabroxem, principio, mais ou menos de pé quebrado, d'alguns poemas de amor.

E a proposito, segundo alguns jornaes mais indiscretos, ou por despoposito, não sei, acodenos agora ao bico da penna a noticia da proxima chegada a Lisboa do filho da sr.ª infanta D. Maria Anna de Portugal, actual rei de Saxe, e de sua irmã a princeza Mathilde, mãe, segundo se diz, d'uma formosa princeza da Europa, solteira ainda e prima em segundo grão do nosso principe real sr. D. Luiz Filippe.

Mas a chegada dos principes só se effectuará depois do carnaval e é este que por emquanto está distrahindo a maior parte dos espiritos.

Vem os jornaes cheios de novidades sobre os divertimentos que se esperam: festas aos fenianos do Porto no Grande Club de Lisboa, representações e bailes em todos os clubs e sociedades, festas de estudantes, pedidos para danças, parodias, cégadas, grupos musicaes, carros, reclamos, etc. E os annuncios são aos milhares: janellas que se alugam, brinquedos que se vendem, reclamos de todos os theatros para uns espectaculos e bailes deslumbrantes.

E outra vez, muito naturalmente, a mesma rainha da sensaboria reinará sobre a nossa Lisboa que, quando se quer divertir, com excepção d'uma ou outra toirada, parece que se veste de luto.

Referimo-nos, está claro, ao carnaval nas ruas e em sitios publicos Nos clubs e nas sociedades, onde a alegria é, muitas vezes, quasi em familia, ahi desabrocha elle á sua vontade e não admira que os tres dias de folia deixem saudades a rapazes e raparigas.

Mas o devertimento acabará e não é fóra de razão a cerimonia das cinsas em quarta feira quando ainda as imaginações andam esquentadas e não é mau chamal-as á verdade. «Lembra-te homem, de que és pó e de que em pó te ha des tornar»

Nem tudo na vida ha de ser pagode, como diziam classicamente os nossos avós, e, como este jornal não sai na quarta feira, não se admirem que eu aproveite o domingo gordo para fallar d'um assumpto triste, embora já illuminado por uns tons esperançosos de aurora. Ainda uma vez nos temos de referir aos marinheiros condemnados a trabalhos em que almas boas andam mettidas para obter o perdão dos desgraçados.

Na conferencia realisada no dia 6, no grande Club de Lisboa, disse o distincto advogado, sr. dr. Antonio Osorio: «Fechados os tribunaes, quiz trazer a questão para o publico. Fiz espalhar uma historia sobre o julgamento dos marinheiros. Bati a varias portas para que o perdão fosse enviado ao parlamento. Eu não tinha lá voz, porque, se a tivesse, ainda que enterrasse de vez todo o futuro da minha carreira politica, o caso dos marinheiros havia de ser conhecido do paiz. Encontrei em todos aquelles a quem me dirigi a mais glacial indifferença. Um dia soube que o meu collega Dr. José d'Arruella, encontrara uma «formula» para chamar sobre o caso a attenção do paiz. A ideia era pratica, melhor do que todas as que eu tinha tentado. O seu auctor quiz que eu collaborasse com elle. Tenho-o feito com alegria, porque vejo emfim que o paiz inteiro se agita, que um trabalho intenso e proficuo se realisa, dia a dia, a bem d'aquelles desgraçados. Alguma coisa conseguiremos, creio bem, mas para isso é preciso trabalhar.»

Já aqui uma vez o dissemos, e repetimol-o agora, que está o Occidente ao dispôr de quantos d'elle quizerem utilisar-se para fim tão justo como este que se pretende. O perdão e a justiça parece que se confundem n'este caso.

Seria este um caminho para desviarmos um pouco para a politica, mas francamente não vemos n'esta, coisa alguma que mereça a attenção dos nossos leitores. Poderiamos, sim, falar do sanatorio da Madeira, mas, francamente não nos parece que o governo deva merecer os ataques que lêmos nos jornaes de opposição. Segundo consta, o representante do grupo que contractou a construcção dos sanatorios já telegraphou ao advogado de Lisboa, desistindo da sua pretenção. Toda esta historia é curiosa, curiosissima até, mas o governo, parece-nos, tem mais razão do que Pilatos para lavar as mãos.

De politica mais importante nos parece o apparecimento do novo jornal *Portugal* a que damos as boas vindas, e cujo director, sr. Fernando de Sousa, gosa d'um dos nomes mais respeitaveis no jornalismo portuguez. Desejamos-lhe as prosperidades que merece.

João da Camara.

TEATRO DE D. MARIA II

O drama «Affonso de Albuquerque»

O illustre escriptor Henrique Lopes de Mendonça produzindo o seu excellente drama original em 5 actos, *Affonso de Albuquerque*, em pleno successo no teatro de D. Maria II, onde subiu á scena pela primeira vez a 29 de dezembro ultimo, prestou um revelante serviço á historia, á poesia e ao teatro.

A' historia: porque fez reviver a sympathica, magestosa e heroica figura de Affonso de Albuquerque, uma das nossas mais genuinas glorias guerreiras, que com tanto brilhantismo soube fixar a soberania portugueza no Oriente. A sua influencia foi tão grande, callando os seus feitos de maneira tão perduravel no animo dos hindús, que, ainda hoje, volvidos quatro seculos, lhe prestam culto.

O sr. Lopes de Mendonça, como brioso official superior da nossa marinha de guerra, como um patriota de coração, que se presa de ser, faz-nos recordar, com uma elevação de forma, que não é muito frequente, essas paginas sublimes da nossa historia, que felizmente tanto honram este abençoado cantinho da Europa, que, apesar da pequenez territorial, chegou a dar leis ao mundo pelas suas conquistas e navegação.

A' poesia: pelos magnificos alexandrinos com que a peça é confeccionada, versos todos de impeccavel estructura e, muitos, d'uma inspiração e lyrismo admiraveis.

Ao teatro: porque ha muito se não via nos palcos portuguezes uma obra dramatica tão bella, debaixo dos differentes pontos de vista a attender n'este genero de litteratura; e, muito principalmente, porque sendo a missão fundamental do teatro illustrar o publico, ella se não poderá exercer mais proficuamente do que exhibindo os nossos feitos gloriosos.

O drama *Affonso de Albuquerque*, que a empreza artistica do teatro de D. Maria, por uma bem conduzida orientação, está representando, viu a luz da publicidade em 1898, por occasião da commemoração do 4.º centenario do descobrimento da India. Toda a imprensa lhe teceu, então, os mais rasgados e francos elogios, a que a obra tinha jus, deplorando que não visse ao mesmo tempo a luz da ribalta. Mas só quem desconhecer as tricas teatraes poderá admirar-se d'este facto, pois é notorio, entre nós os que conhecemos o meio, que muitas producções de valor real ficam soterradas no olvido, ao passo que mediocridades teem sido submettidas á contemplação das platéas.

Da peça de Lopes de Mendonça, porém, pode dizer-se que *tardou mas arrecadou*, pois foi agora posta em scena com caprichosa *mise-en-scéne* e obteve um desempenho muito distincto.

No protagonista, o papel importante do drama, incarnou-se perfeitamente o grande actor Eduardo Brazão, que no novo trabalho prova mais uma vez o seu incontestavel talento. A fiel caracterisação que apresenta, a maneira por que frisa com propriedade os mais insignificantes detalhes da personagem, e a interpretação da scena final, aquella soberba morte do indomito heroe, para quem el-rei D. Manuel foi tão ingrato, dar-lhe-hiam os fóros de celebridade, se elle os não tivesse adquirido, de ha muito, por innumeras e variadas creações, apresentadas sempre com um *savoir-faire* tal que teem rivalisado com os melhores artistas estrangeiros.

A seguir, e em papeis a que é preciso tambem, dar colorido, destacaremos: Ferreira da Silva, outro artista genial, Fernando Maia, um actor correctissimo, Henrique Carlos dos Santos, o mais illustrado dos nossos galãs e Adelina Abranches, a mais brilhante das actrizes nacionaes no genero dramatico, os quaes muito concorrem para o luzimento da interpretação de que o drama carecia.

Nós, que nos foi dado o prazer de assistir á primeira representação do *Affonso de Albuquerque*, e que juntámos as nossas palmas aos applausos com que foi coroada, enviamos d'aqui, do desvão onde se aloja a nossa escrevaninha de modesto collaborador do Occidente, um humilde mas sincero bravo ao auctor e interpretes da notavel peça historica, que constituirá, certamente, o successo teatral d'esta epocha.

Pedro Pinto.

AFFONSO D'ALBUQUERQUE

Drama em 5 actos

POR

H. LOPES DE MENDONÇA

Excerpto

ACTO II — SCENA XIII

AFFONSO DE ALBUQUERQUE *a cavallo*, GASPAR PEREIRA, FRANCISCO PEREIRA PESTANA, FR. DOMINGOS DE SOUSA, D JOÃO D'EÇA, ANTONIO REAL, LOPO FERNANDES, MESTRE AFFONSO, CUFO, JOÃO CARTAXO, *officiaes e soldados portuguezes (parte dos precedentes personagens a cavallo); os tres servos canarins;* SITA, *que entra primeiro com os canarins e se refugia logo na tenda. As trombetas, pifanos e atabales, veem adeante tocando uma marcha; logo após segue-se a guarda de Affonso de Albuquerque, este e os officiaes, e em seguida os soldados.*

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, *ainda a cavallo, falando a um official*

Despácho-vos. — Gaspar Pereira, tomae nota
Do que pede Simão Gomes. Quer ir na frota
Que já para Dabul se apresta. — O meu faraz?

O faraz, estribeiro indio, approxima-se. Albuquerque vae a desmontar, mas repara em dois fidalgos que se adeantam para elle sahindo do grupo.

Inda vos vejo aqui, mostrando os alvarás
Que do reino trazeis para fazer negocio!
O preço por que vós compraes esse vil ocio,
Eil-o: o sangue mais nobre, em jorros abundantes
Vertido pela patria! Arreda, traficantes!

Os dois fidalgos afastam-se, corridos. Albuquerque desmonta.

ANTONIO REAL, *baixo, a um dos fidalgos, ironico*

Não se ouve para cá do cabo Guardafui
A voz d'el-rei.

FRANCISCO PESTANA, *a Antonio Real*

Partis?

ANTONIO REAL

Da peleja não fui,
Não serei do triumpho. Adeus.

Sae pela direita.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, *que tem vindo sentar se á porta da tenda sobre um escabello trazido por um dos canarins, a Fr. Domingos.*

Vigario á justa,
Quantos nobres sabeis que esta victoria custa?

FR. DOMINGOS

Vinte e tantos.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Afóra outra gente somenos.
Que Deus lhes fale n'alma! O mar e os agarenos
Quanta folha hão levado á flor de Portugal!
Quanta saudade e lucto... Eu sei-o, por meu mal!
Pobre irmão! A meus pés, tornaram-se as areias
De ouro em purpura rica, a esvaziar-lhe as veias.
E dois sobrinhos já me tem levado o mar...
Tregua de maguas! Deus á farta ha de pagar
O sangue portuguez que o seu poder accresce.
O crescente infiel nos horizontes desce,
Varrido ao nosso bafo! A Persia já se acurva,
A Arabia treme, o Turco inclina a face turva,
Cambaia nos receia, Ormuz é nosso, e além
Malaca é nossa! Deus seja louvado!

FR. DOMINGOS

Amen!

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Das victorias comtudo a maior com certeza
E' a que hoje vos deve a terra portugueza!
Desafogastes Gôa, e altiva capital
Ganhastes para o vasto imperio oriental!
D'ora avante não ha quem nos dispute Gôa;
Grilhões possantes de ouro a prendem a Lisbôa.
E em psalmos de christão se ha de mudar o cantico
De Brahma, confundindo o Indico no Atlantico!

JOÃO CARTAXO, *baixo a Lopo*

Isto é que é lingua de ouro!

LOPO FERNANDES, *o mesmo*

E vontade de ferro.

UM OFFICIAL, *approximando-se de Albuquerque*

Senhor, dois mouros vêm descendo aquelle cerro.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Emissarios, bem sei, do altivo Roçalcão.
Agora nos convem ter juizo. Na mão
Temos o queijo e a faca. Ah! Roçalcão! bem triste
Deves estar da guerra empenhada! Trahiste
A teu amo e senhor, que te ordenava a paz,
E agora que sou eu quem mando... tu verás!
Tu verás como a tua audacia deu em mingua.
Porque a guerra, perdôo, a rebeldia, vingo-a

FRANCISCO PESTANA, *baixo, a um fidalgo proximo*

Mal empregada sanha!

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, *voltando-se para elle*

O que dizeis? Sem pejo
Falae!

FRANCISCO PESTANA

Digo que vós perdeis um rico ensejo
De escangalhar de vez o Roçalcão e mais
Essa mourama toda.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Entendo! Reprovaes
O concerto?

FRANCISCO PESTANA

Era a ferro e fogo entrar de arranco
Pela villa, e mandar á fava o trapo branco.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Pilhagem! mortandade! E para sempre a furia
Da gente do Hidalcão, que é vizinha...

FRANCISCO PESTANA

Segue-a
A nossa fôrça...

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

O quê? Sob essas cãs, desponta
Juizo de creança. Em casos de tal monta,
Convem que a decisão não se adeante ao conselho!
A nossa fôrça? E vós, que sois soldado velho,
Não vêdes que é mistér que pela India se alastre,
E não sabeis medir o alcance de um desastre?
A nossa fôrça! Acaso algum tempo a contaveis
Por soldados aos mil, hostes innumeraveis,
Tremebundas legiões? Não! a nossa fôrça inteira
Pousa no amor de Christo e da nossa bandeira;
Por exiguo, precisa alentos bem fecundos
O nosso ventre para a digestão dos mundos!

JOÃO CARTAXO, *enthusiasmado, e sem se conter*

Com seiscentos milhões de bombardas!

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Cartaxo,
Que dizes?

JOÃO CARTAXO

Que vós sois... um raio do diacho!

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Um raio contra o Islam, um raio de exterminio!
Mas ao vosso valor devo o poder fulmineo!
Para um punhado tal de heroes, nunca são grandes
O tempo nem o espaço. Olhae Lopo Fernandes!
Na edade juvenil, galhardo cavalleiro,
Ultimo nas mercês, nos transes o primeiro!
Ha dias bem o vi, desprezador da morte,
Trepando á escala vista a barbacan do forte.
Hoje, ferido, exangue, em um fervor titanico,
Nas almas desfazendo a caligem do panico!
Ah! vem, meu filho, vem! Que eu beije a tua face!
Nunca Deus permittiu que o medo a branquejasse.
Ah! filho te chamei! Volvi-me n'este instante
Ao filho que eu deixei lá na patria distante,
E aos olhos me acudiu não sei que extranho brilho...
Que Deus o faça tal como tu és, meu filho!

Beija commovido a face de Lopo Fernandes.

LOPO FERNANDES

Senhor, pelo que eu fiz, immensa acho a mercê!

D. JOÃO D'EÇA, *baixo, a um fidalgo*

Se áquelle beija a face, a mim beija-me o pé!

FRANCISCO PESTANA, *a um fidalgo junto d'elle*

Por tão pouco beijando as caras, certamente
Dos beiços dará cabo, a beijar tanta gente!

Murmurios entre os fidalgos.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Murmurios! temerario é quem assim murmura!

A Francisco Pestana.

Ah! sois vós? que me achaes tão digno de censura!
Que pretendeis, Pestana? Acaso o coração
Quereis vêr-me?

Approxima-se vivamente de Pestana, e começa a rasgar a vestidura do peito.

Eil-o aqui, bem puro, e limpo, e são!
Todo cheio de amor, amor que mal percebem,
De que nem conta dão aquelles que o recebem!

FRANCISCO PESTANA, *enleado*

Senhor...

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Meu coração! é como um tôsco vaso;
Colhida a extreme flôr, d'elle ninguem faz caso!

O OFFICIAL

Vêm proximos, senhor, os mouros.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Recebei-os,
Gaspar Pereira.

Gaspar Pereira inclina-se e sae pela esquerda.

Desde os fidalgos, mais cheios
De alta prosapia, até aos infimos soldados,
Todos têm jus egual ao premio dos honrados.
Vossas mercês, porém, não posso eu compensal-os:
Isso pertence a el-rei, que pode honrar vassallos.
Não me cabe dispôr, nem de honras, nem de cargos;
Mas á minha alma, não! ninguem lhe ponha embargos!

LOPO FERNANDES, *baixo*

Bemdito seja!

JOÃO CARTAXO, *o mesmo*

A má lingua não soffre emenda.

FR DOMINGOS, *que tem andado a procurar com a vista inquieta dirigindo-se a Lopo Fernandes*

Sabeis onde está Marta?

LOPO FERNANDES

Ignoro!

O SERVO CANARIM, *que ouviu*

Além, na tenda.

SCENA XIV

OS MESMOS, *o enviado do Roçalcão, entrando pela esquerda com o* MOURO ABDALLE, GASPAR PEREIRA *e mais tres cavalleiros portuguezes;* AXURA, *apparecendo á direita.*

JOÃO CARTAXO, *baixo a Lopo Fernandes, indicando-lhe o abdalle*

Conheço aquella cara.

LOPO FERNANDES

A d'esse mouro?

JOÃO CARTAXO

Sim!

LOPO FERNANDES

E eu tambem...

JOÃO CARTAXO

Já me lembro: a c'ruja de Cochim!

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, *que se sentou*

Çufo, vem traduzir-me esses uivos da Arabia.

GASPAR PEREIRA, *mostrando o abdalle*

Inutil! Nossa lingua, este agareno sabe-a.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Bem! A chapa de crença?

GASPAR PEREIRA, *fazendo um signal ao enviado, que entrega a chapa*

Eil-a.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, *examinando-a*

Perfeitamente.
Fala!

O MOURO ABDALLE, *erguendo os braços e olhando o céo*

Em nome de Allah, o piedoso, o clemente!
Ao excelso capitão dos franques, Rassul-Khan
Manda trazer a voz dos escravos do Islam.
Para escusar o sangue e mortes aos milhares,
O concerto requer, que tu lhe apresentares
E seja de razão. Além, n'aquelle forte,
Doze mil homens ha, dispostos para a morte,
Se preferes a guerra a um concerto honroso.
Que te illumine Allah, o clemente, o piedoso!

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Dizei ao Roçalcão que a sua fala é boa,
Mas as obras ruins. Dizei que, sobre Gôa
Marchando, foi traidor ao Hidalcão seu amo.
Dizei que a rebeldia abomino, e proclamo
Que hei de tomal-o ás mãos, rojal-o pela terra
Como revel infame. E que hei de em som de guerra
Dar Sant'Iago nos seus, matal-os, extinguil-os,
Até fartar de carne humana os crocodilos.

MESTRE AFFONSO, *baixo, a Pestana, emquanto o abdalle transmitte ao enviado a resposta de Albuquerque*

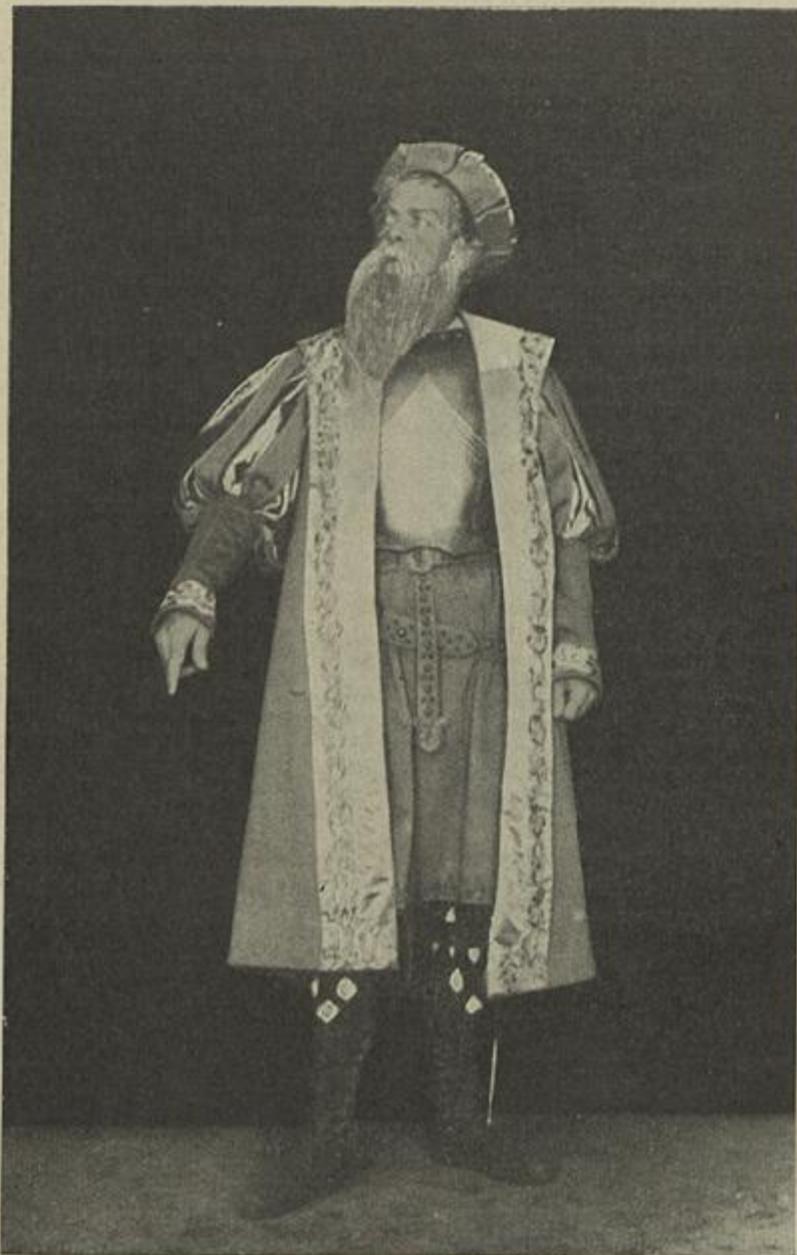
Olhae como elle fala!

PESTANA, *o mesmo*

E nada nos pergunta!
Tudo solve por si!

GASPAR PEREIRA, *que está junto d'elles e os ouviu, em voz baixa*

Se elle é toda uma junta!

Teatro de D. Maria II

O ACTOR BRAZÃO
No papel de Affonso de Albuquerque

O MOURO ABDALLE

Louvado seja Allah! A nodoa da mentira
Por teu leal ouvido, ó capitão, se estira.
Rassul-Khan não foi tredo ao seu senhor. Culpado
Foi sómente Adil Khan; não elle, que é soldado.
Resolve pois, senhor.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Ergueu bem alto o vôo,
Esse milhafre! Embora! A vida lhe perdôo,
A elle mais aos seus! Mas antes que eu desarme,
Os renegados, já, vós tendes que entregar-me...

O MOURO ABDALLE

Os elches? Rassul Khan seus servos não renega;
A' morte, que os espera, os elches não entrega.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Recusa pois?

O MOURO ABDALLE

Senhor, a tal deshonra como
O sujeitaes?

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Deshonra! Acho serodio o assômo!
Mas emfim quero ser benigno. Concedida
A esses torpes cães renegados a vida.
A clemencia é de mais. Mas para a concedermos,
Com algemas nas mãos vireis aqui trazer-m'os.

O mouro abdalle vae consultar o outro enviado. Albuquerque conversa entretanto em voz baixa com Fr. Domingos.

JOÃO CARTAXO, *a Lopo Fernandes*

Demo! Cochim mudou-se em pêso para aqui!

LOPO FERNANDES

Porque o dizes?

JOÃO CARTAXO, *apontando Axura meia escondida á direita*

Olhae-me essa mulher!

LOPO FERNANDES

Já vi.

JOÃO CARTAXO

A amouca do naufragio, alembraes-vos?

LOPO FERNANDES

Em Gôa?
Engano!

JOÃO CARTAXO

Com certeza, e não está cá por boa!
Olho n'ella!

O MOURO ABDALLE

Senhor, concedes o perdão
Da vida aos prêsos?

SCENA VII DO 1.º ACTO DO DRAMA «AFFONSO DE ALBUQUERQUE»
(Clichés do sr. Alberto Lima)

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Sim! pela fé de christão!

O MOURO ABDALLE

Cheik excelso, leão dos mares, defensor
Do pallido Jesus, Rassul Khan, servidor
De Adil-Khan, se submette á tua alta vontade.
Por nossas mãos te envia, em penhor de amizade,
Signo de paz, pharol de luz que os maus afasta,
Este diamante, o mais resplandecente...

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, *erguendo-se arrebatadamente*

Basta!
Peitas a mim, a mim! Se o teu senhor tivesse
Aqui n'este momento, esmagava o refece!
E dá-te por feliz, se este punhal não sujo
Nos borbotões do sangue immundo de um sabujo!
Não fales! vae-te, vae-te, alento de corruptos!
Que eu não te veja mais! Dentro em poucos minutos,
Os renegados quero aqui, lambendo a terra
Em que pousam meus pés. Senão... a guerra, a guerra!

Os mouros saem pela esquerda com ar apavorado, seguidos pelos tres cavalleiros.

LUIZ PINTO MOITINHO

SESSÃO EM HOMENAGEM Á SUA MEMORIA

Se na nossa terra não existiu ainda um Mouthyon, que instituisse um premio para a virtude; se não existiu ainda um Sully-Prudhomme poeta, philosopho, sonhador e positivista que exaltasse o homem e fallasse dos Bons e dos Benemeritos, unindo-os n'um só laço e fazendo-os caminhar n'um sentido unico, para a realisação do seu supremo ideal—O Bem da Humanidade—existem porem, collectividades, que pensam como um só homem, para honrarem a memoria d'aquelles que unicamente no ceu, esperam receber o premio das suas boas obras.

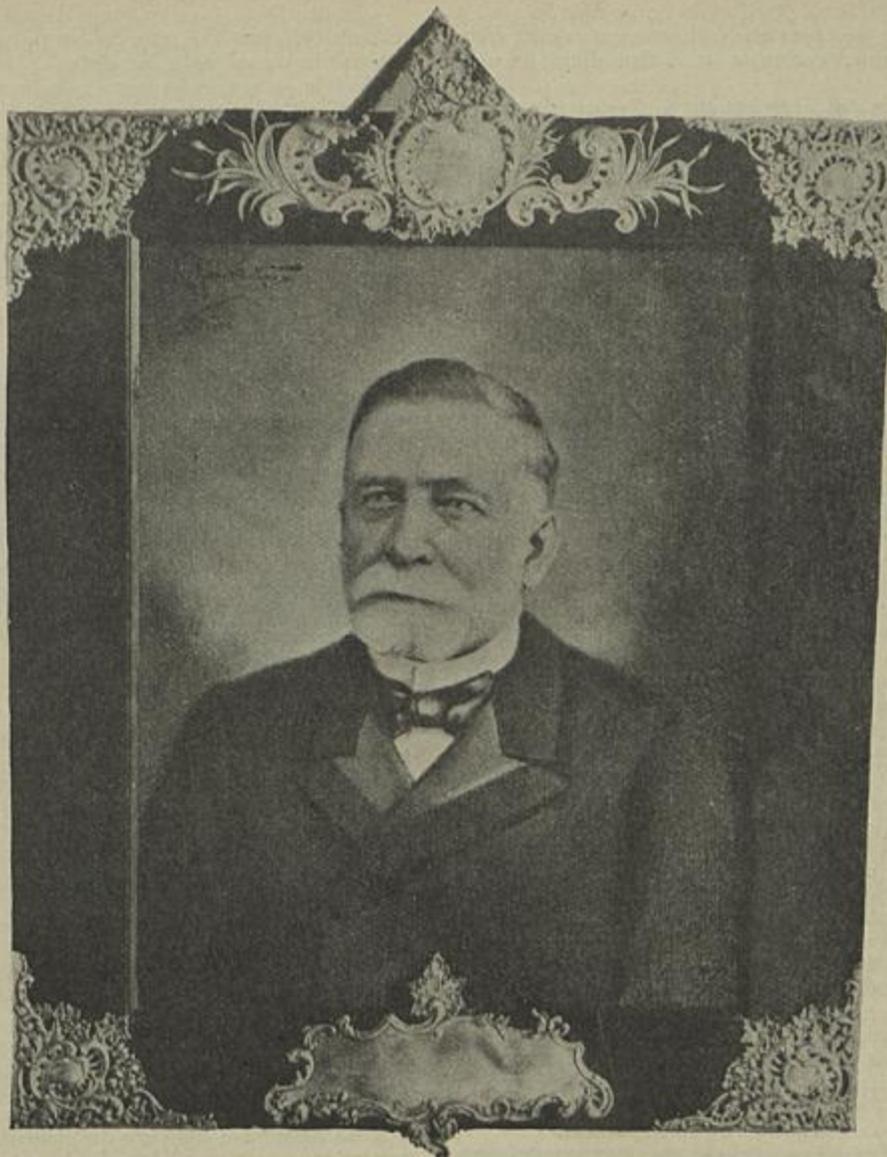
As Associações dos Ourives da Prata Lisbonense e dos Ourives e Artes Annexas, installadas no edificio da Contrastaria, realisaram no dia 27 de janeiro ultimo, uma sessão solemne em homenagem á memoria saudosa do seu mais prestante consocio, Luiz Pinto Moitinho.

Que impressões tão impregnadas de perfumes, de harmonias e canticos, trouxemos d'essa memoravel sessão.

Que phrases tão sentidas, tão repassadas de magua ouvimos n'aquella sala.

Que emoção tão profunda, que saudades tão infindas nos abalou a alma, quando descerraram os retratos e Moitinho appareceu sorrindo, como elle sorria. N'esse momento, em que justamente se glorificava um Bom e em que o ressoar das palmas de saudação se confundia com as harmonias do hymno do Asylo de Santo Antonio, cantado pelas 40 educandas, n'esse momento as lagrimas que não rolaram pelas faces, foram em jorros cahir na alma.

E' que n'esse suave momento de extase, o espirito inegualavel de Moitinho nos prendeu nos seus rasgados vôos, e todos choravam por elle...

Era o premio á virtude, de *Mouthyon*. Era a phrase eloquentissima para exaltar o homem, de *Sully-Prudhomme*.

RETRATO DE LUIZ PINTO MOITINHO
INAUGURADO EM SESSÃO SOLEMNE DA ASSOCIAÇÃO DOS OURIVES DA PRATA LISBONENSE, EM 27 DE JANEIRO

Presidiu á sessão o sr. Conselheiro J. J. Ferreira Lobo, secretariado pelos presidentes das duas associações srs. J. J. Antunes Rebello e Francisco Isidoro Nunes.

Os jornaes deram noticias circunstanciadas da imponente homenagem feita a Luiz Pinto Moitinho, por isso a nós, como velhos admiradores do incançavel apostolo do mutualismo, cabe-nos a honra, de nas nossas paginas, registarmos o facto, publicando o retrato e moldura que a Associação dos Ourives da Prata Lisbonenses, destina á sua sala de sessões.

A moldura é de pau santo com ricos e artisticos cantos em prata cinzelada, tendo na parte superior um escudo com a seguinte dedicatoria:

Homenagem da Associação de Soccorros Mutuos dos Ourives da Prata Lisbonenses —Sessão solemne em XXVII-I-MCMVII.

Este retrato estava coberto por uma bandeira portugueza e foi descerrado pela gentil bisneta de Moitinho, a menina Cecilia d'Almeida Marques.

O outro retrato destinado á Associação dos Ourives e Artes Annexas, que foi fundada por Luiz Pinto Moitinho em 1878, é emoldurado a dourado e tem na parte inferior um elegante escudo em prata cinzelada onde se lê:

A Luiz Pinto Moitinho—Como Tributo de Gratidão da Associação de Soccorros Mutuos dos Ourives e Artes Annexas—21-1-1907.

Este retrato foi descoberto pelo sr. Luiz Alvaro Moitinho d'Almeida, neto mais novo, do bom amigo dos velhos e das creanças.

O OCCIDENTE prestando mais uma vez homenagem a tão prestante cidadão, que passou a vida espalhando o bem, saúda os Corpos Gerentes das Associações dos Ourives da Prata Lisbonenses e dos Ourives e Artes Annexas, que tão nobremente souberam honrar a sua classe, honrando a memoria de Luiz Pinto Moitinho.

H. A.

Real Teatro de S. Carlos

O BARITONO TITTA-RUFFO

REAL TEATRO DE S. CARLOS

O BARITONO TITTA-RUFFO

Foi a uma feliz obra do acaso que o publico de Lisboa deve, ter tido ensejo de applaudir, o eminente baritono Titta-Ruffo.

Tendo adoecido na America, onde se achava cantando, o baritono Renaud contratado para S. Carlos afim de tomar parte em dez recitas, a empresa viu-se embaraçada para arranjar um baritono de *primo-cartel* para o substituir. Recorreu então a Titta-Ruffo que se encontrava em S. Petersburgo e para onde volta, findo o seu contrato no nosso teatro lirico.

Titta-Ruffo é um artista novo, que iniciou a sua carreira em 1898 em Roma (Teatro Constansi) e no curto espaço de nove annos conseguiu colocar-se ao nivel dos primeiros baritonos da atualidade.

A fama de que vinha precedido foi confirmada em sua estreia entre nós, na noite de 24 de janeiro, na opera *Hamlet* que desde o Kaschmann nunca mais houve ensejo de apreciar. Dizer o que foi Titta-Ruffo no *Hamlet* sabem-n'o todos os que assistiram a esse espetaculo. Desde a sua entrada, em que logo se manifestou um artista que de futuro hade ser uma celebridade, até ao *brin-*

disi do 2.º acto, em que foi contemplado com a maior das ovações que ultimamente temos visto em S. Carlos, revelou-se um artista digno da nossa scena.

A galeria dos *Hamlets* em S. Carlos não é longa. E' peça escabrosa para um baritono, por isso passam-se muitos annos em que não ouvimos um dos melhores *spartitos* de Ambroise Thomas. Recordamo-nos de Devoyod e de Kaschmann, n'estes ultimos 20 annos. O 1.º não o ouvimos cantar n'esta opera; o 2.º era um artista de apreço, áparte a sua voz já arruinada quando da ultima vez que cantou em Lisboa.

Titta-Ruffo, porém, ainda em toda a pujança de sua voz, impoz-se-nos, cantando admiravelmente a sua parte e desempenhando a personagem de fórma digna de todo o elogio.

As notas sahem-lhe faceis, claras, espontaneas, sonoras, passando desde o pianissimo á *mezza-voce* e d'ahi *ao fortissimo* de uma maneira que raras vezes temos ocasião de presencear. Além disso, respira bem, o que hoje é difficil obter de um cantor.

Nós, que tão pouco habituados estamos a ouvir um artista tão completo, não podemos deixar de aplaudir a iniciativa da empresa Paccini em nos ter mimoseado com o prazer de ouvir tão notavel vulto lirico, notando-se que hoje em dia, é a Europa pouco contemplada com celebridades desta ordem.

São hoje os teatros de além mar os *sorvedouros* desses grandes artistas; ali todos os annos, sobretudo nos Estados Unidos, se aplaudem a Melba, o Alvarez, o Renaud, o Caruso, o Scotti, os tenores Wagnerianos Knote, Burgstaller, Van Dyck e as damas Schumann-Heink, Isabel Sucher e outros que apenas conhecemos de nome.

Titta-Ruffo ainda cantou uma noite o *Rigoletto* com grande exito, esperando nós que para a proxima epoca lirica, ultima da atual empresa, possamos ainda ter o prazer de o ouvir.

Em conclusão, umas noites bem passadas tivemos esta epoca em S. Carlos, fazendo lembrar os entusiasmos de outr'ora, de que os antigos *dilletanti* nos teem narrado pormenores, e que segundo elles, se approximam da forma como foi acolhido em Lisboa este notavel interprete de tão extraordinaria figura shakesperiana.

O ENTRUDO (*)

O verdadeiro entrudo, aquelle velho e portuguez entrudo, de que fallam com saudade os nossos maiores, só triumpha hoje na casa do burguez; ahi sim é elle absoluto e despotico, cheio de peripecias, de aventuras, de amores e de pós. Nos tres dias em que a folhinha permitte a folia desordenada suspendem-se as garantias dos paes e dos maridos, e os corações dos namorados nadam nos mares da liberdade, em que muitas vezes não acham pé, e se afogam.

A monomania da seriedade domina hoje quasi todos os animos, e os que não soffrem essa enfermidade vergam sob o peso da actividade policial, que lhes impõe a seriedade de que rezam os editaes do governo civil.

D'antes (ai que saudades!) nesses tres dias jantavam as familias pela hora e meia para lhes ficar a tarde livre, e iam pôr-se de janella para tomarem parte na folgança geral; as mulheres de cabello enfarinhado, e os pequenos com as caraças de nariz comprido, faziam rir os auctores dos seus dias. Vinha, depois, dos visinhos de cima a luva mascarrada, ou o gancho que puxava as taboinhas, ou a bexiga que encharcava os pescoços, graças as mais das vezes de quem desejava apertar a intimidade do coração.

Appellava-se para o entrudo para se conhecer até que ponto se era amado. No domingo gordo passava o namorado pela casa da rainha dos seus pensamentos; passo curto, mãos nas algibeiras, e semblante carregado. Se da janella querida lhe caia sobre o chapéo uma mãocheia de tremoços, ou um ôvo de cal, ou uma frigideira de barro, o ditoso desprendia um sorriso e dava uma corridinha para fingir que desejava escapar aos projectis que amor impellia; se porém a donzella o deixava passar incolume, o desgraçado sentia no coração a noite escura do martyrio, sem uma estrella que lhe rasgasse as trevas com um raio de esperança:

— Santo Deus! exclamava elle então, tudo está acabado! Já não lhe mereço um pucaro, nem ao menos um alguidar de 30 réis!

E havia bairro, destes em que os sentimentos se manifestavam com mais franqueza, em que um amante feliz podia contar que lhe atirariam ás pernas uma prova de affecto nunca inferior a uma panella. Era tal a força expansiva do amor, que mais de um mortal ia d'alli n'uma maca com as contusões produzidas por um fogareiro arremessado por mão extremosa; e o ditoso deliciava-se depois curando as feridas na enfermaria de Santo Onofre.

Os pinhões, as batatas e as laranjas eram a linguagem corrente e ordinaria, que não dava esperanças, nem matava illusões. Para haver segundo sentido era preciso que a coisa pezasse de arratel para cima. O peso era tudo. Paixão de primeira qualidade não pedia menos que uma tigela da casa; porém esta significava que o casamento estava proximo. Uma tigela da casa não era coisa que saisse da janella sem que o hymeneu andasse por alli a bater as suas azas: não, que as visinhas tinham as attenções fixas no acontecimento, e com a reputação de uma menina séria não se brincava.

Que tempo aquelle, em que a vergonha se fechava no sabbado gordo até quarta-feira de cinzas! Todos riam, todos brincavam, todos eram rapazes; confundiam-se as edades e os sexos, ninguem era o que parecia. Os municipaes não tinham mãos a medir; as boticas esgotavam os *pontos*, e as portas do Limoeiro não se fechavam para entrarem os que ficavam victimas na folgança vertiginosa.

Hoje fecham-se as lojas, e as patrulhas giram gravemente pelas ruas silenciosas, sem terem que fazer!

As danças vem de quando em quando quebrar a monotonia geral; a de S. Sebastião, a da rua dos Remedios, a da rapaziada fina de Santo Estevão, que todas são rivaes entre si, e contam largas recordações de gloria carnavalesca.

Danças de pastorinhos, em que os alentados marmanjos do sitio representam o sexo fragil, de chapelinho á banda, caracóes caidos, que se prendem nos espigões da barba refractaria aos esforços da navalha e á alvura do alvaiade, peitos levantados a estopa, e lencinho bordado pendente da mão calosa. Dança boa não tem menos de tres velhos, de luneta de palmo e meio, que são os encarregados da parte jocosa. O mestre vae montado n'um burro, e armado de apito para as marcações da dança, os pastorinhos, de cabeça ao lado e passinho meudo, sentem-se dominados de pensamentos bucolicos.

Fóra disto apparece um ou outro que se veste de saloio, de inglez ou de guerreiro, e atravessa a cidade perseguido pelos apupos da gaiatada.

Mas no lar do burguez ainda se conserva a verdadeira feição do entrudo. A menina da casa deita papelinhos no pescoço do primo envergonhado, e veste-se com o fato do irmão mais velho; e a criada da cosinha não perde occasião de pregar uma peça ao menino da casa.

Ao jantar não falta o perú, nem a carne de porco frita, e o marido, para não diminuir a alegria domestica, deixa-se enganar com as filhozes, em que elle mesmo ajudára a metter a estopa. Bebe-se mais um copinho, porque n'esses dias tudo é excepcional, e a esposa teve o cuidado de se prevenir com uma garrafa do *branco*.

A's 3 horas da tarde o visinho do terceiro andar vem abrir a cancella com uma faca, e surprehende a familia á sobremeza. Apparece na casa de jantar embrulhado n'um lençol, traz na cabeça o chapéo de palha arrendado da tia velha, e a cara coberta de tafetá preto com tres buracos. As gargalhadas dos paes e os guinchos dos pequenos saudam a graça. Dentro em pouco tempo tudo é confusão e gritaria. Aos beliscos seguem-se as cocegas, as criadas tomam parte na folia, o criado com riso alvar espreita entre portas, e as mãos do visinho aventuraram-se a liberdades extremamente censuraveis.

E' sol posto, a familia prepara-se para o theatro, o silencio reina de novo em casa, e o *Gymnasio* ou a *Rua dos Condes* completa os prazeres do dia. Se a familia não tem camarote recebe alguns parentes chegados, e o engraçado visinho não é esquecido. Algumas peças divertem a *reunião*, e não ha chambre nem coberta, com que as meninas não se mascarem de improviso. Chega o chá; a criada ainda de cabello enfarinhado traz nos labios o sorriso indicativo de que n'alguma das chavenas ha sal em vez de assucar, e para maior disfarce diz ao predestinado:

— Póde tomar, que não tem nada.

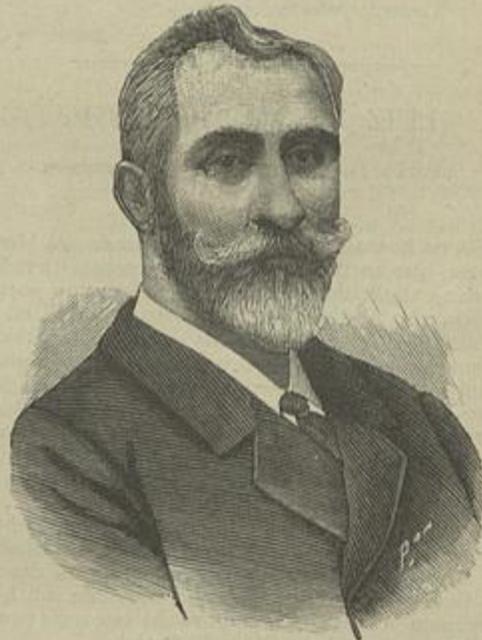
Depois do chá o dono da casa tem a condescendencia de recordar na esquecida flauta algumas contradanças dos seus tempos, e o pavimento treme debaixo dos pés desenvoltos dos dançantes.

Mais de um casamento e de uma infidelidade toma a sua origem nas mil peripecias do entrudo. O carnaval é o caminho de ferro do amor; e só na quarta-feira de cinzas é que se olha para traz, e se vê o caminho percorrido.

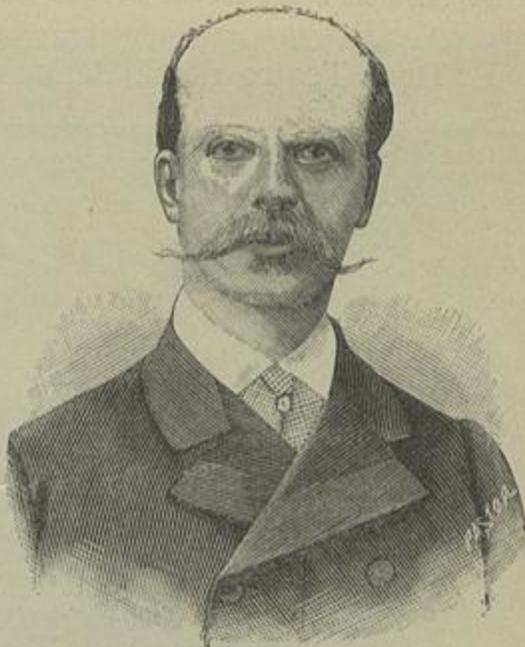
M. ROUSSADO.

(*) Extrahido do livro *Coisas Alegres*.
E' uma recordação do velho entrudo portuguès discrito com aquella graça portuguesa, que caracterisa todos os escritos do saudoso Manuel Roussado.
R.

O novo ministerio espanhol

Não tem corrido serena a politica na visinha Espanha. Em poucos meses se teem succedido os ministerios sem conseguir estabelecer uma situação duradoura, no meio das variadas paixões que agitam o país visinho. A seguir a um governo ultra-liberal, vem agora um ultra-conservador presidido por Maura seguidor do falecido Canovas, o mesmo é dizer que á situação transata que se

D. ANTONIO MAURA

havia pronunciado mais abertamente liberal, succede um governo que cortará por todas essas aspirações liberaes, pois Maura não transigirá como conservador ferrenho que é.

Maura é hoje o unico estadista da Espanha

D. GUILHERME OSMA

com a envergadura de um verdadeiro chefe de governo, mas essa mesma qualidade póde acarretar-lhe serias dificuldades, se persistir em dominar pela força, sem atender á opinião publica, que reclama formulas mais liberaes.

Nestas circunstancias o novo governo não ófe-

rece garantias de grande estabelidade, o que decerto mais virá complicar a situação politica de Espanha e afétar fortemente o seu regimen de governo.

D. Antonio Maura é mais uma vez ministro e presidente do conselho. Velho politico experimentado, vem agora lutar com o movimento liberal que se pronunciou favoravel á aprovação da

D. ALLENDE SALAZAR

nova lei das associações. Formou o novo gabinete convidando para as diferentes pastas seus amigos politicos taes como:

D. Juan Lacierva para a pasta do interior ou do reino. Jurisconsulto notavel e que foi ministro da instrução em 1904 no ministerio presidido por Azcarraga. (*)

Marques de figueirôa ministro da justiça. Distinto homem de letras, antigo deputado, vice-pre-

D. AUGUSTO GONZALEZ BESADA

sidente do congresso e ministro em 1904 com Azcarraga. Diretor geral do contencioso fiscal. (*)

D. Guilherme Osma ministro da fazenda é diplomata distinto, adido que foi em 1877 á embaixada de Paris, secretario da conferencia de Marrocos de 1880 e secretario da embaixada de Londres em 1885. Tem sido deputado e fez parte do governo de Maura em 1903.

D. Allende Salazar ministro dos estrangeiros, antigo parlamentar, tendo feito parte de outras situações conservadoras como ministro das obras publicas, da instrução e da fazenda.

D. Augusto Gonzales Besada ministro do fomento, e ainda novo, é deputado desde 1899 tendo sido ministro da fazenda em 1903 no ministerio presidido por Villa Verde.

D. FAUSTINO RODRIGUES SAMPEDRO

D. Faustino Rodrigues Sampedro ministro da instrução publica, é politico altamente conceituado, tendo feito parte de varios ministerios conservadores, titular da pasta dos estrangeiros.

D José Fernandez ministro da marinha pela segunda vez nesta pasta, tendo sido a primeira em 1903 com Maura. Capitão de mar e guerra, foi diretor da Escola Naval e commandou varios navios entre elles o *Pelayo* na guerra de Cuba. (*)

General Loño ministro da guerra pela primeira vez. Militar distinto e brioso com longa lista de serviços ao seu país. (*)

(*) Não podemos obter o retrato para o publicar.

SCIENCIA MODERNA

O telefotografia

O professor Koru, de Munich, parece ter encontrado solução pratica da transmissão da fotografia a distancia.

A machina telefotografica do professor Koru tem como caracteristicos o sincronismo mecanico, o emprego do selenio, e uma aplicação especial do galvanometro.

No posto transmissor do aparelho ha um cilindro de vidro que gira em torno do eixo, em movimento helicoidal. — Esse cilindro fechado em camara escura tem uma abertura por onde uma lampada elétrica Nernst projéta um raio luminoso. — A pelicula fotografica que se pretende reproduzir é enrolada no cilindro de vidro. No interior deste ha um prisma de reflexão que refléte os raios luminosos da lampada depois delles atravessarem os diversos pontos da pelicula fotografica. — Cada um desses raios sofre uma diminuição de intensidade, dependendo, em parte, do relevo da opacidade da fotografia, no logar onde elles feriram a pelicula.

Esses raios refractos vão depois passar sobre uma chapa de selenio situada na base do cilindro, e intercalada no circuito de uma bateria de pilhas.

No posto receptor, ha um *galvanometro* de disposição especial, com dois fios de cobre sobre os quaes se acha uma lamina delgada de aluminio fixa entre os polos de um elétro-iman. Passando a corrente, os fios desviam-se e a chapa de aluminio muda de orientação.

O raio luminoso encontra ahi outro cilindro egual ao do posto transmissor com uma pelicula fotografica egual á do primeiro.

A parte mais interessante e original do aparelho é o que o doutor Koru chama a *inercia do selenium*.

Este metal, no fim de algum tempo de operar, torna-se inerte para ser condutor sob a acção do raio luminoso e deixar passar a corrente elétrica no circuito onde elle se acha.

O *compensador* de Koru é uma segunda chapa de selenio posta em serie com a 1.ª, no circuito, por dois acumuladores correspondentes ás 2 chapas. A inercia do selenio é compensada, no posto receptor, por um galvanometro, o qual illumina a 2.ª chapa, proporcionalmente, á compensação da illuminação da 1.ª chapa.

Antonio A. O. Machado.

O MEZ METEOROLOGICO

Janeiro, 1907

Barometro. — Maxima Altura 778mm,0 em 6
» Minima » 746,mm5 em 24
Thermometro — Maxima » 14°,7 em 13
» Minima » 3,0 em 10

A maxima é a mais fraca desde 1891 (14°,6) e durante 13 dias o nosso thermometro desceu abaixo de 5°, o que não succede em Lisboa, desde o mesmo anno, embora a minima não tenha sido muito baixa. Em geral, as maximas mantiveram-se a cerca de 12° e as minimas entre 4° e 6°.

Vento dominante, N E.

Chuva. — 28mm,0 em 5 dias, dos Janeiros menos chuvosos que se conhecem, desde 1854.

Foram mais seccos do que o anno de 1907, os seguintes:

1859......	25mm,1	1882......	5mm,5
1878......	21mm,2	1896......	12mm,7
1880......	11mm,3	1902......	21mm,9

Em 23, a chuva foi de 15mm,2.

Nevoeiros, 5 dias.

Nebulosidade. — Céu limpo ou pouco nublado 22 dias.
» Nublado 5 dias
» Encoberto 4 dias

NECROLOGIA

Monsenhor Conego
Joaquim Maria Pereira Botto

A 23 de janeiro ultimo faleceu em Lisboa Monsenhor Conego Joaquim Maria Pereira Botto, do conselho de Sua Majestade, antigo professor e arqueologo a quem esta sciencia deve importantes trabalhos.

Nasceu o Conego Botto, como era mais conhecido, em Alhandra a 13 de Março de 1851 e foram seus paes João Maria Pereira Botto e D. Maria Cicilia Ferreira Botto. Logo aos primeiros estudos que fez no Seminario de Santarem e depois no liceu da mesma cidade, revelou sua clara inteligencia e aplicação, de modo que não tardou a ser promovido no ensino da matematica e filosofia do 1.º e 2.º anno do seminario, ao mesmo tempo que frequentava o 5.º anno de teologia. Em 19 de setembro de 1875 recebia as ordens de presbitero, com dispensa de edade e a 19 de novembro de 1877 era promovido no ensino nas cadeiras de teologia.

Convidado pelo patriarca das Indias D. Ayres de Ornellas, para reitor do seminario Rachol, occupou por algum tempo aquelle alto cargo, que a breve trecho deixou por motivo da sua saude, tendo de se retirar para o reino.

Foi depois nomeado professor do seminario de Faro, cuja reitoria assumiu em 1882, com grande proveito para este estabelecimento de ensino, onde reorganisou e melhorou todos os estudos, bem como a administração economica e a higiene.

Em Faro colaborou no posto metereologico *D. Francisco Gomes*, pelo que a junta geral do distrito o louvou; nesta cidade fundou tambem o Museu Arqueologico Lapidar *Infante D. Henrique*, pelo que a Camara Municipal o nomeou conservador por distinção. Escreveu Monsenhor Botto varios artigos elucidativos dos monumentos arqueologicos que se conservam naquelle museu, os quaes, em 1899, foram editados no livro *Glosario dos principaes monumentos do Museu Archeologico Infante D. Henrique.*

Em 1901 foi encarregado de estudar em França e na Inglaterra a organisação dos trabalhos arqueologicos e prehistoricos, e ultimamente tinha

escrito um livro sob o titulo de *Promptuario analytico dos carros e coches da Casa Real e das carruagens de gala*, livro que está a imprimir na Imprensa Nacional.

Muitas são as distincções concedidas a Monsenhor Botto em atenção aos seus meritos e serviços. Assim foi-lhe concedido em 1884 a honra de conego honorario da Sé de Faro; em 1886 elevado á dignidade de monsenhor camareiro secreto de Sua Santidade Leão XIII; em 1895 foi-lhe conferido o oficialato da ordem de S. Thiago e em 1898 a carta de conselho. Socio da Academia Real

Monsenhor Conego
Joaquim Maria Pereira Botto

das Sciencias de Lisboa, da Real Academia de Historia de Madrid, Instituto de Coimbra, Instituto Archeologico do Algarve, Real Associação dos Architetos Civis e Archeologos Portuguezes, de que era presidente, *Sociedade Martins Sarmento*, de Guimarães, Real Academia das Bellas Letras, de Sevilha, Instituto *19 de Setembro*, de Lisboa, etc.

Era vogal da Comissão de Monumentos Nacionaes; vogal da comissão administrativa do Museu Municipal da Figueira da Foz; representante do Cabido da Sé de Lisboa nas obras de restauração daquelle edificio.

O Conego Botto, honrando o clero português, foi um exemplo de estudo e de trabalho, em que consumiu sua vida com grande aproveitamento, sobretudo, para as sciencias arqueologicas e prehistoricas.

Cypriano José Mendonça de Oliveira

Finou-se no dia 20 de Janeiro na villa de Cascaes Cypriano José Mendonça de Oliveira, distinto funcionario publico, que prestou valiosos serviços no ultramar, onde arruinou a saude, morrendo aos 37 annos incompletos, na flôr da idade, se póde dizer.

Nasceu Cypriano José Mendonça de Oliveira, na praça da Aguada (India) a 27 de abril de 1870, filho do dr. Antonio Nunes de Oliveira e de D. Mathilde E. de B. Mendonça de Oliveira, e neto paterno do dr. José Antonio de Oliveira e por parte de sua mãe de Joaquim Manoel de Mello e Mendonça, coronel de artilharia e deputado da nação, descendendo das familias fidalgas dos Mello e Mendonça Silva Sá e Almeida.

Na India Portuguêsa fez seus primeiros estudos indo depois completal-os em Bombaim.

Ainda muito novo empregou-se na Direção das Obras Publicas da India como desenhador auxiliar, mas sendo este logar suprimido, passou ao quadro aduaneiro fazendo serviço no Commissariado Geral do Sal Alkary e Alfandegas da India.

Em 1890 foi para Moçambique encarregado da ambulancia que acompanhou a expedição Maratha áquella provincia, onde servio na Curadoria Geral dos Serviçaes e Colonos, e na Escola de Artes e Oficios como professor de português e desenho, deixando estes cargos por ter sido nomeado escrivão verificador (sub-diretor interino) da alfandega de Inhambane e escrivão da capitania do porto da mesma villa, passando depois ao logar de escrivão de fazenda do distrito, cargo que teve de deixar por motivo de saude, retirando para Moçambique com licença da junta.

Achava-se adido á secretaria do Governo Geral da Provincia, quando foi requisitado por Mousinho de Albuquerque, governador de Lourenço Marques, para seu secretario particular. Este governador o encarregou tambem da cobrança do imposto de palhotas no Maputt, e quando regressou ficou fazendo parte do pessoal da secretaria do governo do distrito, tendo sido, por assim dizer, o braço direito de Mousinho de Albuquerque, quando para ali foi a expedição a Moçambique commandada pelo coronel Azevedo Coutinho, por causa do conflito anglo-português. Desempenhou em commissão os logares de chefe de secretaria e da administração do Hospital Militar e Civil de Lourenço Marques, onde prestou bons serviços, confirmados documentalmente pelo dr. Antonio Maria Duarte Ferreira, diretor daquelle estabelecimento.

Em 1892 veio para a metropole para tratar da sua saude abalada, no desempenho de tantos trabalhos em Africa. Tendo sido confirmado no logar de secretario do governo de Lourenço Marques, por decreto de 22 de setembro de 1893, foi depois transferido para a alfandega de Moçambique, e em março de 1895 passado para o minis-

Cypriano José Mendonça de Oliveira

terio das obras publicas, fazendo parte da Inspeção Geral dos Vinhos e Azeites.

A sua saude, porém, estava arruinada e mais se agravou com o desgosto que teve na sua ultima colocação oficial, pois se considerou preterido, não sendo seguramente esta a maneira justa de recompensar os serviços de um funcionario inteligente e zeloso, que passou o melhor da sua vida no ultramar.

A familia do falecido e em especial a seu irmão o sr. Manoel Mendonça de Oliveira, enviamos a expressão do nosso pesar por tão infausta perda.